

Sobre a Natureza da Ciência da Linguagem

(Uma questão problemática de Filosofia da Lingüística)

Considere a afirmação (a) e as perguntas (b) e (c) relativas a (a):

- a. A Lingüística é a ciência da linguagem humana.
- b. Qual a natureza de seu método?
- c. Qual a natureza de seu objeto?

Enquanto (a) representa, certamente, uma afirmação verdadeira e trivial para a comunidade mais ampla dos lingüistas, (b) e (c) são perguntas sobre as quais não há absolutamente consenso, e que determinam um debate de extrema sofisticação mesmo que entre membros da mesma escola. De fato, ainda que imprecisa e panorâmica, uma breve inspeção na história contemporânea da Lingüística já é suficiente para justificar a constatação de que há um inegável desacordo entre alguns dos mais expressivos teóricos dessa disciplina. Para Saussure (1916), (a) é uma afirmação verdadeira desde que a resposta a (c) considere a linguagem humana constituída essencialmente pela língua, enquanto conjunto de signos depositado na mente dos usuários pela prática pessoal da fala e desde que a resposta a (b) defina a Lingüística como um ramo da Semiologia ou Psicologia Social, entendidas como uma espécie de Teoria da Comunicação; Chomsky (1986) também aceita, (a), mas não concordaria, absolutamente, com a resposta a (b) e (c) de seu antecessor. Para o fundador da teoria gerativista, a faculdade da linguagem é a expressão de uma propriedade inata da natureza humana, cujo caráter essencial é uma espécie de gramática universal geneticamente determinada, e isso responde a (c). Quanto a (b), Chomsky considera que a Lingüística é um ramo da Psicologia Cognitiva, como ciência natural capaz de explicar como tal propriedade da mente/cérebro do ser humano se constitui e como possibilita a aquisição, o conhecimento e o uso da linguagem. Contemporâneo de Chomsky e um dos seus mais expressivos adversários teóricos, Montague (1970) somente poderia aceitar (a) desde que a resposta a (c) seja encaminhada no sentido de que a linguagem natural não se distingue, em sua essência, das linguagens construídas e desde que a resposta a (b) obtenha a afirmação de que a Lingüística é um ramo da matemática enquanto ciência formal.

Considere agora mais duas questões:

d) Se a Lingüística é a ciência da linguagem humana, que disciplina estuda os fundamentos de tal ciência?

e) Como se constitui tal disciplina?

A resposta a (d) envolve algumas observações preliminares. Toda a disciplina vai-se estabelecendo, historicamente, em sua cientificidade, mediante uma construção de conhecimentos proporcionados pela justa relação entre seu método e seu objeto, justificada pela plausibilidade de seus fundamentos. A construção propriamente dita caracteriza a teoria científica como tal; o estudo dos seus fundamentos, a filosofia daquela disciplina. Tal tem sido a história da Lingüística; paralelamente ao desenvolvimento de sua teoria, vão-se estabelecendo os fundamentos que a sustentam. É justamente por isso, aliás, que os pioneiros de sua história como ciência têm sido, ao mesmo tempo, cientistas e filósofos de sua disciplina. Se Saussure, Chomsky e Montague, entre outros, trouxeram uma reconhecida contribuição a sua área de conhecimento é, sem dúvida, porque fizeram, concomitantemente, ciência e filosofia. Nesse sentido, então, encaminha-se para (d), a resposta de que se a Lingüística é a ciência da linguagem humana, a Filosofia da Lingüística é a disciplina que estuda os fundamentos de tal ciência.

A abordagem da questão (e) também merece algumas prévias considerações. Se a história da Lingüística, como se sugeriu, tem sido acompanhada pela história da Filosofia da Lingüística, é bem verdade que o desenvolvimento desta última tem ocorrido de forma intrínseca ao desenvolvimento da primeira. Isto significa, em última análise, que o estudo da teoria e de seus fundamentos tem avançado de maneira naturalmente conjugada de modo a não parece necessário o estabelecimento de uma disciplina específica como Filosofia da Lingüística. Realmente, parece trivial que a filosofia de uma área de conhecimento, que começa a construir-se como ciência, constitua-se, inicialmente, de forma implícita, para só ocupar um espaço mais específico a posteriori. Nesses termos, se a Lingüística teórica é uma disciplina que apenas nesse século começa a solidificar-se em seu estatuto de cientificidade, é razoável que só agora a Filosofia da Lingüística comece a estabelecer-se como uma necessidade própria de investigação. Conseqüência disso, as formas de se encaminhar tal disciplina, o que constituiria a sua metodologia, não são senão alguns princípios muito gerais que podem ser sistematizados de maneira a tornar o estudo dos fundamentos da Lingüística consistente a ponto de caracterizá-la naquilo em que ela se pretende rigorosa e de esclarecê-la quanto às diversas formas de concebê-la. A resposta a (e), então, que propomos, passa por um pequeno conjunto de critérios cuja finalidade não é senão dotar a Filosofia da Lingüística de uma maior capacidade de avaliação das condições que constituem a disciplina que investiga.

1 Critério da Distinção entre Lingüística Pura e Aplicada

Trata-se de separar o conhecimento teórico a ser produzido com objetivos especificamente científicos, a saber, o da verdade sobre a natureza do objeto a ser esclarecido, do conhecimento aplicado diretamente a aspectos da realidade ou, indiretamente, através da relação com outras disciplinas. Por exemplo, trata-se de distinguir entre o conhecimento que busca, a partir do anterior, formas de ensinar uma segunda língua a uma criança.

2 Critério da distinção de Níveis de Constituição da Teoria Lingüística

A proposta aqui, é a de que se distingam os seguintes níveis: o nível da linguagem enquanto fenômeno geral acessível ao senso comum; o nível da linguagem enquanto objeto construído já no interior de uma teoria com perspectivas científicas; o nível da teoria lingüística, enquanto sistema de conceitos estruturados, o nível metateórico, ou de princípios que regem a metodologia de uma dada teoria lingüística e o nível de compromissos filosóficos, por exemplo, ontológicos, que sustentam todo o edifício teórico.

3 Critério de Tensão entre o Método Lingüístico e o seu Objeto

O critério acima sugere que se considere como essencial para o conhecimento científico a adequada tensão entre o método de investigação lingüística e as propriedades do seu objeto a serem esclarecidas. No interior de uma teoria lingüística, tal adequação consiste no surgimento de problemas que possam ser tratáveis e cujo tratamento permita originar problemas novos que caracterizam programas de investigação. Este critério sugere, ainda, que só dentro de tal relação é que se determina a relevância das propriedades do objeto e de seu método.

4 Critério da Distinção entre Propriedades Formais e Empíricas da Teoria Lingüística

Trata-se de distinguir a condição de uma teoria de adequar-se à experiência lingüística, considerando a evidência dos dados, da sua capacidade de expressar-se em uma linguagem formal, considerando-se questões de consistência, por exemplo, e outras.

5 Critério de Tensão entre Adequação Descritiva e Adequação Explanatória na Teoria Lingüística

Este critério consiste na necessidade de se entender o papel teórico da relação entre atividade de descrição lingüística e a de explicação. Sem descrição, a explicação pode ser indesejavelmente geral e sem valor explanatório, a descrição é vazia.

6 Critério da Avaliação Histórica dos Programas de Investigação Lingüística

Entende-se por este critério a condição de possibilidade de avaliação histórica dos resultados de um programa de pesquisa lingüística. Garante-se, através dele, a evolução da racionalidade científica na área, potencializando-se o progresso na construção de problemas lingüísticos relevantes e evitando-se a circularidade de propostas já ultrapassadas.

Uma vez caracterizados tais critérios, fica encaminhada a resposta à questão (e) e já se tem um conjunto mínimo de condições capazes de orientar o debate sobre (f), a problemática e central questão para a Filosofia da Lingüística, sugerida no início do presente texto.

(f) É a Lingüística uma ciência natural, formal ou social?

Referências Bibliográficas

CHOMSKY, N. (1984) Modular Approaches to the Study of the Mind. San Diego: San Diego University Press.

CHOMSKY, N. (1986) Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use. New York. Praeger

CHOMSKY, N. (1993) Language and Thought. London. Moyer Bell.

EARMAN, j. (ed) (1972) Inference, Explanation and Other Frustrations - Essays in the Philosophy of Science. Berkeley. University of California Press.

KATZ, J. (1985) The Philosophy of Linguistics. Oxford. Oxford University Press.

MONTAGUE, R. (1970) Formal Philosophy. New Haven. Yale University Press.

SAUSSURE, F. (1916/1974) Cours de Linguistique Générale. Paris. Payot.